



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE (CEHS) DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JULIANA BEZERRA DE SOUSA

**FUTEBOL É COISA DE QUEM QUISER? UMA ANÁLISE DA
INSERÇÃO FEMININA NA PRÁTICA ESPORTIVA**

**TOCANTINÓPOLIS/TO
2022**

JULIANA BEZERRA DE SOUSA

**FUTEBOL É COISA DE QUEM QUISE? UMA ANÁLISE DA
INSERÇÃO FEMININA NA PRÁTICA ESPORTIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza

TOCANTINÓPOLIS/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725f Sousa, Juliana Bezerra de.

FUTEBOL É COISA DE QUEM QUISE? UMA ANÁLISE DA
INSERÇÃO FEMININA NA PRÁTICA ESPORTIVA. / Juliana Bezerra de
Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2022.

38 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2022.

Orientador: Adriano Lopes de Souza

1. Futebol Feminino. 2. Adesão ao esporte. 3. Resiliência. 4. Preconceito.
I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JULIANA BEZERRA DE SOUSA

**FUTEBOL É COISA DE QUEM QUISE? UMA ANÁLISE DA
INSERÇÃO FEMININA NA PRÁTICA ESPORTIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 25 /11/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza - UFNT

Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias - UFNT

Prof. Ma. Orranete Pereira Padilhas – UFNT

TOCANTINÓPOLIS/TO
2022

Dedico este trabalho aos meus pais, Vanderlei de Sousa Silva e Cleurilene Bezerra de Sousa. Aos meus irmãos, Ana Maria Bezerra de Sousa e Vanderlei de Sousa Silva Junior. A minha sobrinha Anna Karoline de Sousa Lima. A minha tia materna, Caroline de Brito Bezerra. A minha amiga, Ceci Costa Martins. Aos meus avôs maternos, Basilia de Brito Bezerra e Sandoval do Carmo Bezerra, e minha avó paterna, Coraci de Sousa Silva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pois até aqui Ele me sustentou diariamente. Quando estive sem forças, o Espírito Santo foi, e é, consolo ao meu coração, dando-me forças para continuar. Segundamente, agradecer aos meus pais, Vanderlei de Sousa Silva e Cleurilene Bezerra de Sousa, por todo apoio financeiro, por todo cuidado, orações, idas e vindas de Carolina-MA a Tocantinópolis-TO, tentando sempre dar-me o melhor, sem eles eu não teria conseguido.

Agradeço meu irmão, Vanderlei de Sousa Silva Junior, pelo apoio com alimentação e por todas as orações.

A minha irmã, Ana Maria Bezerra de Sousa, por todo apoio emocional, orações e parceria; A minha sobrinha, Anna Karoline de Sousa Lima, mesmo sendo tão pequena e não entendendo muita coisa ainda, o amor que ela sempre demonstrou por mim, foi essencial para manter-me de pé.

Agradeço a minha tia, Caroline de Brito Bezerra juntamente com sua família, por se fazer presente sempre que precisei, e por ser uma mãezona em horas conturbadoras.

Agradeço a minha melhor amiga, Ceci Costa Martins, por não medir esforços de virar noites comigo quando minha ansiedade se fez presente, por sempre acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava, por sempre ajudar-me a voltar a caminhar;

Agradeço também aos meus tios paternos, Silmar dos Santos Abreu e Doraci Silva Abreu, por todo apoio. Juntamente com eles, agradeço ao seu filho, Davi Silva Abreu, a quem deu o primeiro passo para eu vir morar em Tocantinópolis e me habituar a esse novo ciclo.

Agradeço aos meus vês maternos, Sandoval do Carmo Bezerra e Basília de Brito Bezerra. E a minha avó materna, Coraci de Sousa Silva.

Agradeço aos meus amigos que a Universidade me proporcionou, Milena Cristian Barbosa do Nascimento, Paloma da Silva Machado, Amanda Gomes, Maria de Lara Borges Coelho, Richelle Moraes, Marcia Taynara Machado e Adryanne Barros de Sá, foram pessoas que caminharam nessa jornada universitária ao meu lado enquanto estudante, sou grata a cada uma delas, pois colaboram de alguma forma nessa minha caminhada.

Agradeço ao meu amigo, Ian Costa Macedo, por todo apoio durante várias caminhadas, se disponibilizando sempre ao que fosse necessário, e por todo apoio moral. Também ao José Henrique Macedo.

Agradeço ao time UFC.TOC, por se disponibilizar a fazer parte da minha pesquisa, em especial Mikaella Moraes por toda mediação com time, não teria conseguido sem a ajuda dela.

Agradeço ao meu orientador, Adriano Lopes de Souza, por todo momento disponibilizado desde o início, por me ajudar, me dar apoio, por toda atenção, conselhos para sempre buscarmos juntos o melhor, por algo que eu tanto amo, que é o futebol.

Agradeço a Universidade Federal do Tocantins/ Do Norte do Tocantins, por ter dado a oportunidade de desfrutar esse momento tão ímpar na minha vida, um sonho realizado.

Agradeço ao corpo docente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins por todos os ensinamentos, entregando momentos valiosos para meu crescimento como profissional e pessoal. Também a professora Bethânia Alves Zandominigue que fez parte deste corpo docente, e que foi uma grande colaboradora da minha formação.

Agradeço também aos meus tios paternos (em especial ao meu tio Antônio Carlos de Sousa e Delícia de Sousa Silva) e maternos (em especial Maria de Brito Bezerra) que, de alguma forma colaboraram para este momento.

Agradeço aos colegas e amigos que passaram por minha vida e de alguma forma contribuíram no início desse ciclo, tal como, Thais Moraes dos Anjos. E por todas as pessoas que em algum momento oraram por minha vida enquanto eu estava nessa busca constante.

Por fim, agradeço a mim mesma, pois foram dias incansáveis, de choro, alegria, aprendizagem, amadurecimento, e momentos que ficaram eternizados em minha memória e em meu coração.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como ocorre o processo de iniciação da prática do futebol feminino no contexto tocantinopolino. Na presente pesquisa foi utilizada a metodologia de campo, com abordagem qualitativa. Para a produção de dados da presente investigação, recorreremos aos pressupostos do grupo focal como técnica de investigação. Tendo como público-alvo quatro atletas amadoras de Futsal do time “UFC TOC F.C”, da cidade de Tocantinópolis. Os resultados apontaram que inicialmente as jogadoras tiveram seus primeiros contatos com o futebol, na rua, juntamente com os meninos, sendo sempre apenas uma menina praticante no meio deles, onde a desigualdade estava sempre presente. Além disso, pode-se averiguar que, para inserção e permanência das atletas, elas tiveram que enfrentar uma série de resistências, inclusive por parte dos familiares, sendo presente diferentes tipos de violências, tais como: preconceito, violência econômica e violência moral. Desta forma, tornou-se evidente a resiliência que elas têm para poder se manter nesse espaço. Conclui-se, portanto, que apesar das dificuldades que ainda existe no futebol feminino amador, o amor que elas sentem pelo esporte faz com elas permaneçam, utilizando-o como uma terapia, e tendo olhares para o futuro como protagonista nesse desporto.

Palavras-chaves: Futebol feminino, adesão ao esporte, resiliência, preconceito.

ABSTRACT

This study aims to understand how the process of initiation of the practice of women's football occurs in the Tocantins-polino context. In the present research, the field methodology was used, with a qualitative approach. For the production of data for the present investigation, we used the assumptions of the focus group as a research technique. Targeting four amateur Futsal athletes from the “UFC TOC F.C” team, from the city of Tocantinópolis. The results showed that initially the players had their first contacts with football, on the street, along with the boys, always being just a practicing girl among them, where inequality was always present. In addition, it can be verified that, for the insertion and permanence of the athletes, they had to face a series of resistances, including from family members, with different types of violence present, such as: prejudice, economic violence and moral violence. In this way, the resilience they have to be able to maintain themselves in this space became evident. It is concluded, therefore, that despite the difficulties that still exist in amateur women's football, the love they feel for the sport makes them remain, using it as a therapy, and looking to the future as a protagonist in this sport.

Keywords: Women's football, adherence to sport, resilience, prejudice.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 Pé feminino no terrão brasileiro (contextualizando).....	13
2.2 Lesões fora de campo	14
2.3 Forças além do bico da chuteira.....	15
3.MATERIAIS E MÉTODOS	16
3.1 Tipo de estudo e aspectos éticos.....	16
3.2 Público alvo	16
3.3 Instrumento de coleta de dados	17
3.4 Procedimentos de coletas de dados	17
3.5 Procedimentos da análise de dados	18
4.RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1. Apito inicial: junto e misturado, mas desequilibrado	19
4.2 Intervalo de jogo: marcação implacável.....	23
4.3. Apito final: placar desfavorável, resiliência admirável	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERENCIAS.....	33
APÊNDICES	36
APÊNDICE I.....	36
APÊNDICE II	38

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte que possui uma grande relevância em diferentes culturas ao redor do mundo. No cenário nacional, há, inclusive, um entendimento compartilhado socialmente de que o Brasil é o “país do futebol”. Afinal, embora suas origens estejam ligadas ao contexto inglês, argumenta-se costumeiramente que o Brasil é o país com maior número de títulos da Copa do Mundo, além de ser um dos maiores celeiros de craques do futebol mundial, incluindo aquele que é considerado como o maior jogador de todos os tempos: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

Não obstante, a despeito destas argumentações para justificar tal identificação do povo brasileiro, é forçoso reconhecer que o futebol feminino tem uma presença ainda discreta, quiçá, inexistente quando fazemos menção à trajetória do chamado "esporte bretão" em nosso país (FRANZINI, 2005). Um exemplo emblemático e atual desta problemática é o caso da brasileira Marta, considerada internacionalmente como a maior jogadora de futebol de todos os tempos, chegando a ser eleita seis vezes a melhor do mundo (cinco de forma consecutiva). Além de ser a primeira jogadora de futebol da história a marcar em cinco edições seguidas dos Jogos Olímpicos. Entretanto, no cenário nacional, essa caracterização parece ser pouco propagada, enveredando-se muitas vezes para o esquecimento popular.

Portanto, falar do futebol feminino é falar de preconceito e desigualdade, de um lado, e persistência e resistência, de outro. Conforme pontuado por Salvini e Júnior (2016), um recuo histórico nos mostra diferentes conflitos sociais envolvendo a mulher que pratica futebol, visto que as oportunidades no Brasil eram poucas e precárias, além das questões pertinentes a sua feminilização. Por tempos, as mulheres fotografadas na revista Placar, por exemplo, não representavam a futebolística de fato, pois, sempre apareciam de forma sensual para que dessa maneira alcançasse os homens como público. É nítido que existiu a exclusão da imagem da mulher que realmente estava em campo, limitando o seu espaço neste âmbito esportivo, tendo uma visão preconceituosa daquelas que tinham sentimentos verdadeiros com prática deste desporto (SALVINI; JÚNIOR, 2016).

A mulher com uma bola nos pés, pronta para driblar dentro de quatro linhas, é como um ser sofrendo metamorfose, no qual, é preciso formar asas para voar, para ter um habitat que, por direito também é dela, mas ela passa por processo espinhoso para frequentar esse meio. Percebe-se, então, que a luta das mulheres pelo acesso igualitário à prática do futebol

ainda é uma constante e tem sido um caminho árduo (FERREIRA *et al.*, 2021), tal como também pode ser observado em outros âmbitos sociais.

Não obstante, no contexto futebolístico, é importante reconhecer algumas iniciativas em prol do crescimento da participação feminina, visando minimizar os prejuízos decorrentes de preconceitos enraizados. Dentre essas iniciativas, pode-se citar a exigência que a CBF faz aos clubes masculinos da série A para que tenham pelo menos um time feminino (WEINGÄRTNER, 2019).

Também é importante pontuar que o interesse acadêmico por esta temática também aponta para um avanço lento, mas, importante. Em um estudo recente, Ferreira *et al.*, (2021) analisaram a produção acadêmica brasileira nos principais periódicos nacionais da Educação Física, identificando um total de 12 artigos à respeito do futebol/futsal feminino, com destaque para discussões sobre gênero, incentivos e preconceitos, incluindo inúmeras barreiras, físicas e sociais. Os autores advertem, porém, que tais publicações ainda correspondem a um número relativamente baixo quando comparados a outros esportes, denotando que o campo sobre o futebol/futsal feminino ainda está em processo de consolidação (FERREIRA *et al.*, 2021).

Dessa forma, observa-se que a temática do futebol feminino é atual e socialmente relevante, incluindo os aspectos concernentes ao despertar do seu interesse e a sua respectiva trajetória neste âmbito esportivo, pois, de acordo com Rubio e Simões (1999) o aumento do número de mulheres que praticam futebol no país não significa o fim do preconceito de gênero, justificando a necessidade de investigarmos como ocorre, por exemplo, a inserção feminina nesta prática.

Diante do exposto, a presente investigação visa responder à seguinte questão norteadora: como o público feminino se interessa pela prática de um esporte historicamente masculinizado? Deste modo, traçamos como objetivo compreender como ocorre o processo de iniciação da prática do futebol feminino no contexto tocantinopolino.

De maneira geral, compreende-se que a presente pesquisa poderá contribuir com a ampliação dos conhecimentos concernentes a referida temática na literatura disponível. De maneira específica, por sua vez, compreende-se que este estudo poderá fornecer boas pistas para compreendermos as nuances que permeiam a adesão feminina pela prática futebolística em uma determinada realidade contextual, incluindo um conjunto de motivações, interesses, desafios e perspectivas.

Por fim, se faz necessário ressaltar que essa pesquisa é de interesse pessoal da pesquisadora, pois é uma prática que é presente em sua vida desde sua infância, a partir de então, lhe proporcionando diversos sentimentos. Além do mais, o amor ao desporto foi um dos fatores para sua escolha da Educação Física.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Pé feminino no território brasileiro (contextualizando)

Se fosse analisado a expressão “país do futebol” anos atrás, podia-se dizer que há uma figura de linguagem presente, tal como ironia, ou até mesmo uma hipérbole? No país do futebol só era cabível o futebol masculino?

Lugar do clima tropical, da mulher mulata, do samba e do futebol, o Brasil em meados de 1941 reprimiu a prática de esportes femininos por intermédio de uma lei, o decreto nº 3.1992, proibindo as mulheres de praticarem desportos considerados incompatíveis com a sua natureza, de modo que caberia ao Conselho Nacional de Desportos (CND) informar as instruções necessárias às entidades esportivas do país (SALVINI; JÚNIOR, 2016). Ressalta-se que mesmo com anulação desta norma no ano de 1979, a prática de futebol entre mulheres somente foi regulamentada em 1983. Ora, esse vácuo de quatro décadas proibiu não só a prática das mulheres como escanteou a figura feminina no contexto da modalidade como um todo (SILVEIRA, 2020). “Mesmo não sendo homogêneo o pensamento dessa época, estes documentos oficiais expressam representações sobre o esporte naquele contexto cultural” (GOELLNER, 2005, p.145).

Por mais que o gênero feminino tenha a mesma quantidade de músculos, ossos, articulações e órgãos que o gênero masculino, ainda assim, as mulheres eram consideradas inadequadas para esse esporte. De acordo com Goellner (2005), nesta época, era predominante a compatibilidade do corpo materno e da delicadeza feminina, visto como um bem social, motivando o cerceamento da participação das mulheres em práticas esportivas consideradas violentas.

Acredita-se que, a prática do futebol feminino não era somente deixada de ser praticada apenas por causa da lei do homem, mas existe um contexto social mediante a este cenário. Conforme destacado por Franzini (2005), certa vez, um jornalista brasileiro perguntou ao comentarista esportivo e ex-técnico, João Saldanha, sobre o que achava do futebol feminino, o qual disse ser contra, com a justificativa de que não pegaria bem se

eventualmente o seu filho apresentasse a sua namorada como ‘*zagueiro do Bangu*’. Evidentemente que o problema, para ele, não relacionava-se ao referido time, mas, à suposta masculinidade inerente a tal profissão, denotando que o preconceito estava enraizado entre diferentes membros da sociedade.

2.2. Lesões fora do gramado

Lidar com um carrinho, um empurrão, uma disputa de corpo com alguém que é mais forte fisicamente é algo natural no campo de futebol. Todavia, fora das quatro linhas é necessário aprender a lidar com um conjunto de contusões inerentes aos preconceitos (sociais, culturais, raciais e de gênero).

Pisani (2018, p.25) em sua tese que tem por título, “sou feita de sol, chuva e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo, acarreta um relato de uma das mulheres de sua população, que alega o seguinte:

Um dia eu estava sentada no banco de reserva, um dos jornalistas que estava cobrindo o jogo chegou próximo de mim. Achei que ele iria fazer alguma pergunta, mas não. Enfiou a mão na caixa onde estava nossas águas- colocou um gelo na ponta do dedo e perguntou: Quer dar uma chupadinha?

Segundo Noronha (2012) *apud* Pereira (2007), relata que em fatos como tal, existe uma aceção de sexualidade, mostrando então, o sexo feminino como desejo de torcedores, que as usam como se fosse o objeto de premiação a ser reslumbrado. Nesta mesma concepção, o doutor em história Franzini (2005) alega que, no futebol do nosso país reflete um esporte machista, desta forma, trouxe então como referência um ponto que foi retratado na reportagem do jornal Folha de S. Paulo onde revelou que um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso feminino seria “*a ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino*”.

A pesquisa desenvolvida por Souza *et al.*, (2017), traz como resultados que a passagem feminina foi árdua por trás das câmeras, quando existia preocupação até mesmo da CBF para a feminização das jogadoras da seleção de futebol, este ficou notório nas falas das entrevistadas, quando uma das ex-atletas relata que uma marca de xampu que iria patrocina-las viu que, 12 das meninas presentes na seleção tinha cabelos curtos e somente oito tinham cabelos longos e lisos, então os patrocinadores perguntam quem eles iram

patrocinar, sendo que, somente oito tinham cabelos. Oliveira (2014, p. 61), em sua etnografia, traz como conclusão de algumas perguntas feitas, a sua população, que o preconceito com mulheres que jogam futebol está relacionado aos estereótipos de que: “todo mundo acha que mulher que joga futebol é sapatão, masculina. As pessoas olham a gente de olho torto, olha de cima em baixo, tem bastante preconceito”.

Nesse sentido, se no passado as mulheres foram mantidas fora de campo por conta dos traços da masculinidade presente neste esporte, quando passaram a ocupar o gramado, começaram a sofrer ataques referente aos seus corpos e papéis de gêneros (PISANI, 2018). Todavia, essa prática de preconceito, de exclusão dentro de campo por questão da mulher aparentemente masculinizada, é presente dentre as próprias jogadoras. Esta atitude é apontada por autores como prática de resiliência, para conseguir manter sua imagem feminina perante o público e tentar alcançar o profissionalismo sem interferência da sociedade enquanto a sua sexualidade (BORGES *et al.*, 2006; CHAN-VIANNA; MOURA, 2017).

2.3. Forças além do bico da chuteira

Praticar um desporto por apenas gostar, não são palavras coerentes com os tipos de sentimentos que este esporte proporciona. É como dizer que um jardim floresce, porque somente o sol faz um processo natural e não existe outros fatores que colabora para o desabrochar das flores. Pisani (2018) retrata que, durante sua jornada em campo com as jogadoras que ela acompanhava pôde escutar que, para elas o futebol tinha uma diversidade de significados, sobretudo, que retratam sentimentos e laços afetivos, tal como: amor, paixão, felicidade, diversão, vida, família, amizade, união, trabalho, compromisso e lazer.

A mesma autora, no ano de 2018, afirmou que, técnicos de um time de futsal feminino exprimiram que, o futebol sobrevive e vive a base da amizade. Por interferência desta expressão, é cabível ressaltar que existe forças femininas em campo além do apreciar da chuteira batendo no pito da bola.

Roque (2020) em seu trabalho de conclusão traz algo surpreendente, quando uma das jogadoras relatadas em sua pesquisa, disse que seu pai era “cabra macho” e extremamente machista, e toda vez que ela saia para jogar bola, seu pai a violentava fisicamente, e com seus irmãos não era diferente. Observa-se que existe uma capacidade feminina que faz a mulher suportar tais situações para se inserir em um espaço que historicamente pode ser considerado masculino.

Para além dessas situações intercaladas até aqui, é transcendente afirmar que, em um estudo realizado por Souza e Martins (2018) as jogadoras utilizam o futsal/futebol como elo para melhorar seu perfil socioeconômico, pois segundo as autoras as jogadoras que fizeram parte de sua análise têm uma renda baixa. Desta forma, utilizam a prática do esporte como um elo para melhorias, mas não para seguir como algo profissional. Sendo assim, constata-se que, a resiliência feminina no espaço que é socialmente conhecida como masculinizado, tem o porquê que leva além de linhas entrelaçadas no chão da grama de um campo, ou do piso de uma quadra.

3. MATÉRIAS E MÉTODOS

3.1 Tipo de estudo e aspectos éticos

Em atendimento aos aspectos éticos, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, possuindo o seguinte número de CAAE: 55415822.6.0000.5519. Na presente pesquisa foi utilizada a metodologia de campo, com abordagem qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 59),

[...] pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.

A abordagem do tratamento da coleta de dados do estudo foi qualitativa, pois buscou fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados, considerando, desta forma, a perspectiva dos sujeitos a respeito do nosso objeto de estudo, incluindo suas crenças, opiniões, valores, etc. Segundo Prodanov e Freitas (2013) na abordagem qualitativa o ambiente natural corresponde a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador, por sua vez, o instrumento-chave.

3.2 Público-alvo

O presente projeto teve como público-alvo as atletas amadoras de Futsal do time “UFC TOC F.C”, da cidade de Tocantinópolis, o qual foi campeão do maior torneio dessa modalidade na cidade, nomeado “Copa Arena Beira Rio”, no ano de 2021. O referido time é

composto por um total de seis atletas. Dentre elas, uma discente e uma egressa da Universidade Federal do Tocantins, mais especificamente do curso de Licenciatura em Educação Física, o que decerto representou um ganho operacional para a nossa pesquisa. Entretanto, apenas quatro destas atletas aceitaram participar da presente pesquisa. Nesse sentido, em consonância com o objetivo da pesquisa, estabelecemos como critério de inclusão, as atletas que nasceram e/ou cresceram na cidade de Tocantinópolis e que aceitaram participar deste estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Para a produção de dados da presente investigação, recorreremos aos pressupostos do grupo focal como técnica de investigação, visando o aprofundamento e exploração de questões culturais, atitudes, comportamentos, experiências passadas e perspectivas futuras (GONDIM, 2002).

De acordo com Gatti (2005), os grupos focais trazem um debate em que existe diferentes formas de pontos de vistas e emoções, além de surgir novas perspectivas e reflexões sobre o mesmo assunto. Além disso, é positivado enquanto há questões que, individualmente, poderiam ser algo básico ou muito simplificado, pensando no grupo, as diferenças e as interações entre os participantes levam- os a elencar seu ponto de vista também sobre algo que foi respondido, e explicar sua forma de pensar, corroborando então para atenção e uma troca de ideias, ajudando a enriquecer o objetivo do projeto.

3.4 Procedimentos de coleta de dados

No primeiro momento houve um contato diretamente com a capitã do time, apresentando o projeto e o interesse de realizar a pesquisa com o time. Em seguida, essa atleta teve uma comunicação com as demais jogadoras comentando sobre o projeto de pesquisa e a justificativa de realizar a análise com elas. Assim, houve-se um retorno positivo por parte delas para poder agregar ao estudo. Mediante a isso, sucederam conversas por parte da pesquisadora e da capitã, para ter uma data para realização da pesquisa, e que estivesse confortável para todas, sem atrapalhar as demandas das atletas.

Mediante o exposto, a coleta de campo ocorreu na quadra do Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis. Trazendo assim, as atletas para um espaço que as

fizessem sentirem-se confortáveis e viajem na memória em uma atmosfera como esta. É relevante ressaltar que, as atletas não foram direcionadas para uma quadra em que elas praticam o esporte. Isso porque elas não têm um horário reservado em nenhuma das 10 quadras de Tocantinópolis. Por conseguinte, no dia da realização do grupo focal foi entregue a cada jogadora o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), após elas terem lido e assinarem o termo, deu-se início a pesquisa.

Isto posto, foi feito um círculo com as jogadoras, sendo um pequeno grupo, no intuito de facilitar a interação de todas as participantes, com a mediação da pesquisadora (GATTI, 2005). Para que assim, as atletas tivessem um conforto maior para o diálogo do que aconteceu, desta forma, colaborando para os fins deste projeto.

Para este momento foi utilizado um roteiro com 10 perguntas. Elencando temáticas, como elas se inseriram no esporte, a importância do futsal/futebol na escola, a aceitação familiar, futebol feminino atualmente, preconceito que já sofreram/sofrem, se há apoio da comunidade tocantinopolina, tal como o governo da cidade também. Assim que foi iniciado o diálogo, com as jogadoras, utilizou-se o gravador de voz do celular, além da posterior descrição de toda o diálogo do grupo focal na íntegra para facilitar o processo analítico, no qual recorreu-se ao processador de texto, word.

Por fim, para garantir anonimato das atletas, seus nomes originais foram substituídos por um fictício. Deste modo, em concordância com a temática futebol feminino, optou-se por lhes atribuir nomes de atletas profissionais, que fizeram história no desporto, sendo elas brasileiras.

3.5. Procedimentos de análise de dados

Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2016). Esta divide-se em 3 partes, quais sejam: I- organização da análise; II – A codificação; III- A categorização. No que diz respeito à organização do processo analítico, a autora aponta as seguintes etapas: 1) pré- análise; 2) exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

A pré-análise está diretamente ligada a organização do conteúdo, fazendo seleção do que será utilizado, ou não, evidenciando pontos que podem ser relevantes ao objetivo da pesquisa. Partindo para a segunda etapa (exploração do material), que a palavra que se destaca nesta, é codificação que tem por finalidade, transformar os dados brutos em

representação de conteúdo, sendo útil ao texto. E por fim, na última etapa (o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação), existe o processo final dessa análise de dados. Sendo trabalhado com as operações estatísticas dos dados levantados, a partir disto, ter uma síntese do resultado do que foi elencado, desta forma, podendo então, propor ilações, adiando então interpretações de descobertas inesperadas (BARDIN, 2016).

4. RESULTADOS E DISCUSSOES

Em consonância com o objetivo da presente pesquisa, os dados produzidos foram categorizados em três subtópicos, quais sejam: 1. Apito inicial: junto e misturado, mas desequilibrado; 2. Intervalo de jogo: marcação implacável; 3. Apito final: placar desfavorável, resiliência admirável.

4.1. Apito inicial: junto e misturado, mas desequilibrado

O primeiro ponto que chama a atenção nessa categoria diz respeito à adesão feminina pela prática futebolística. Por intermédio das falas das jogadoras, identifica-se que elas precisaram se juntar ao público masculino para conseguir dar os primeiros passos no esporte, cujos primeiros passes inevitavelmente não puderam ser feitos para outras meninas, evidenciando um nítido desequilíbrio nessa aparente mistura, conforme é possível observar nos seguintes excertos:

Eu comecei na rua, jogando bola travinha mesmo no meio da rua, com os meninos (Cristiane).

Eu comecei na rua também. Só com os meninos, porque as meninas não jogavam (Formiga).

Eu também comecei na rua com os meninos, não tinha menina. A única menina era eu, no meio de macho lá (Marta).

Com efeito, quando o assunto é “futebol feminino” em nosso país, espera-se que esse contato inicial seja realizado em conjunção com os meninos, sobretudo, no que diz respeito ao espaço da rua. Com base em Damo (2007), a palavra rua tem um significado grandioso, no qual está ligado a um espaço onde a diversidade das experiências corporais se faz presente. Nessa perspectiva, o primeiro “maraca” das meninas foi a rua, fazendo então desse local, o primeiro lugar de aprendizagem para elas no que tange o referido esporte, juntamente com os meninos.

Em qualquer esporte que é praticado, comumente há pessoas que acabam servindo como uma referência, uma inspiração, reforçando ainda mais o desejo de se envolver com a modalidade esportiva, seja para assistir ou praticá-lo. E com as pesquisadas não foi diferente, conforme pode ser observado nos seguintes relatos:

[...] sempre fui de defesa, então essa foi minha inspiração, Thiago Silva, Formiga que era volante, que eu também sou volante, então minhas inspirações eram essas (Formiga).

Minha inspiração era a Marta, de criança, e meu pai, meu pai sempre me inspirou também (Marta).

Acho que a maioria das meninas, como eu também, a Marta quando era mais nova. Só que eu era bem ... a Marta foi depois de um processo. Ali para minha época, eu era apaixonada por Ronaldinho Gaúcho, Fenômeno, da galerinha um pouco mais antiga (Sissi).

Por intermédio dos relatos supracitados, é possível notar que os sentimentos das meninas se dividem não apenas em relação aos jogadores, mas também às jogadoras profissionais. Logo, percebe-se um misto de representatividade, pois há uma concentração em atletas consagrados e consagradas do futebol brasileiro, cujas histórias se tornaram uma inspiração para as meninas, além de alguns membros da família, tal como relatado pela Marta.

Durante a interação do grupo focal com as atletas foi notório também perceber a influência que um profissional de Educação Física tem, incentivando ou não a prática esportiva. No entanto, pode-se observar que essa presença se fez mais pela disputa de campeonato, tal como JET's (Jogos Escolares Tocantinense) e não necessariamente por intermédio de uma sistematização pedagógica das aulas. Ora, tal dado encontra eco nas críticas elencadas por Bracht (1997) a respeito da difusão de aspectos do esporte de alto rendimento no contexto escolar, cuja ação docente assemelha-se muito mais a uma relação “treinador-atleta” do que uma relação “professor-aluno”. Deste modo, é importante salientar que a relação estabelecida entre os possíveis professores das participantes aparenta seguir tal lógica, conforme ilustrado nos seguintes relatos:

[...] quando me mudei para cá, eu comecei a ter um treinador professor, e aí, ele foi o grande influenciador do que eu jogo hoje na verdade, tenho muita base do que ele me ensinou” (Cristiane).

[...] Na escola tal que eu tive um treinando que, ele foi o nosso, só que ele não era meu professor, mas ele foi o principal incentivador. Mas ele não era meu professor de Educação Física, ele era meu treinador da escola, por causa do time do JET's” (Sissi).

Além disso, é sempre reafirmado pelas participantes do grupo focal que precisavam lidar com a resistência dos colegas, até mesmo dentro da aula de Educação Física, cujo espaço espera-se que seja destinado para a vivência das práticas corporais de todos e todas. Entretanto, os relatos abaixo retratam que não havia outras meninas jogando com elas e que a intervenção dos respectivos professores ocorria no sentido de assegurar que elas pudessem estar presente no meio dos meninos e que estes não as machucassem.

Não tinha menina no meu tempo [que jogasse futebol/futsal] sempre jogando com os meninos, sempre, sempre, sempre. E eles ainda não queriam colocar ainda (risos), mas o professor ainda mandava, porque sempre também, quer queira, quer não, sempre tinha o preconceito né, por ser mulher?! Mas dava certo com a ajuda do professor, dava certo (Marta).

[...] eu era a única que jogava com os meninos, inclusive, eles me batiam pra caramba na quadra. E quando eu comecei a jogar com os meninos, eu tive um professor na quarta série, que ele nem era da Educação Física, não tive professor de Educação Física como referência no meu período de escola. Ele me botava e ficava na beira da quadra, para garantir que os meninos não me batiam, porque todas as vezes os meninos me batiam na quadra (Sissi).

Com base no exposto, observa-se que há uma reafirmação da primeira categorização, cuja prática do futebol acontecia de forma conjunta com os meninos, no entanto, qualitativa e quantitativamente desigual. Na interação do grupo é possível notar que sempre vem à tona a questão da masculinidade no desporto, e que existia poucas meninas que queriam estar neste ambiente, até mesmo quando se tratava das escolas. A jogadora Formiga relata o seguinte:

Eu acho que sim, porque você tinha o poder da escolha né?! Às vezes as meninas queriam brincar de bambolê, pular corda, porque nem todas as meninas queriam jogar bola, só que eles [professores de Educação Física] davam a liberdade de que, se você quiser se misturar com os homens, sempre foi assim (Formiga).

Follmann *et al.*, (2020), relata que a Educação Física no chão escolar deve ser um ambiente para aprendizagens das experiências corporais e desportivas que integrem a civilização da Cultura Corporal de Movimento e que permita a participação igualitária entre meninas e meninos nas diferentes práticas corporais e esportivas.

Tendo-se um embasamento desta afirmativa, e relacionando as falas das jogadoras, é possível notar que, apesar dos professores darem “liberdade” para elas estarem jogando, ainda assim, faltou uma organização de uma aula mais democrática, com atividades

destinadas para fomentar a participação de todos e todas. Todavia, nos seus relatos não observamos resquícios de outras meninas se integrando nas vivências, denotando que não havia estímulos adequados para uma inserção das demais meninas, corroborando com a afirmativa de Follmann *et al.*, (2020) quando retrata a mulher brasileira é marcada por uma “experiência pobre” no que se diz respeito ao esporte.

Além da influência que as aulas de Educação Física exercem sobre a vidas dos alunos, a base familiar também é um fator de grande influência na (não)adesão das mulheres à prática esportiva, em um ambiente que historicamente foi considerado do homem. De acordo com Ferretti e Knijnik (2007), o corpo feminino representava uma escultura “sagrada” que não poderia praticar esporte, pois a mulher era predestinada para ser a gestora da casa e ser mãe de gerações, cujo desporto colaboraria para descaracterização da sua feminilidade.

Partindo desse pressuposto, o olhar de pessoas da família, pode fazer total diferença, para quebrar paradigmas passados e que por vezes ainda se fazem presentes, todavia, de uma forma mais camuflada. No entanto, essa iniciação pode ser novidade em casa e por vezes existir uma pequena barreira, tal como foi apresentado pelas jogadoras:

No começo não, sempre teve aquela coisa de que futebol é coisa de menino, que eu só ia me machucar, que era pra mim escolher outra coisa, e até que viram que, eu gostava daquilo ali (Formiga).

É... eu, a única pessoa assim, no começo que não me apoiava assim era minha mãe. Ela tinha assim, aquele certo preconceito que, futebol é coisa pra homem e tal, tudo mais (Marta).

Eu não tive apoio algum da minha família, na verdade, para dizer que não tive, tive do meu avô, enquanto ele estava em vida, o meu avô era quem me acompanhava. Minha mãe chegou a jogar minhas chuteiras fora, literalmente jogava fora. Quando eu recebia algumas propostas pra ir para alguns clubes, minha mãe meio que surtou mesmo, ela ficou, e ela “você não vai, você não vai” ela jogou minha chuteira fora, me proibiu inclusive de jogar bola, não saía de casa, só da escola pra casa (Sissi).

Ora, quando vira-se o olhar para os relatos das garotas, é possível perceber o quanto o futebol/futsal é tratado como um esporte quase que hegemônico para homens, corroborando com o estudo de Jardim e Betti (2021), ao apontarem que o futebol espelha o traço de masculinidade presente na própria sociedade brasileira, levantando então empecilhos dentro da própria casa quando o esporte é interligado a imagem feminina.

Por outro lado, na interação do grupo focal, também foi possível perceber que, por parte de alguns pais houve-se um apoio importante quando percebia que a garota tinha

capacidade de estar inserida neste meio. Moura *et al.*, (2017), relata que o apoio da família, e principalmente quando se trata dos pais, é de suma importância para assegurar que a mulher consiga se firmar no esporte, pois fomenta proteção quando são rotuladas, a partir do momento que adentram no desporto. Conseqüentemente, é válido elencar as falas abaixo:

O meu pai foi assistir um JET'S meu e gosto, aí ficou. Daí eu tive uma proposta para jogar fora, e meu pai foi meu maior incentivador (Formiga).

O que minha mãe não me apoiou, meu pai apoiou em dobro, me apoiou até demais mesmo, e aí, é tanto que, ele que dava a ordem, que ele sabia, ele entende (Marta).

Desta forma, com base nos referidos relatos, observa-se que a figura paterna parece ter sido decisiva para atenuar os processos que resultam no abandono do esporte. Assim, as atletas sabem que sempre terão alguém que podem contar quando as barreiras incidirem sobre a sua experiência. Pois no âmbito esportivo em geral e no futebol feminino em particular, é fundamental ter pilares de apoio, sobretudo, ao considerarmos as questões emocionais correlatas à sua prática, com a necessária quebra do estereótipo de fragilidade (GOELLNER, 2020), bem como ao considerarmos o baixo investimento e baixa visibilidade do público e da mídia (SARDINHA, 2011).

4.2 Intervalo de jogo: marcação implacável

Fora das 4 linhas que compõe um campo e uma quadra de Futebol e de Futsal, respectivamente, acontece ações que, de uma forma figurada poderia ser retratada como uma marcação implacável, incluindo um conjunto de “faltas” que podem acarretar lesões nos sonhos e objetivos dos praticantes, levando-os a abandonar o esporte precocemente.

Com efeito, há um outro aspecto que emergiu da interação grupal, o qual atravessa a adesão pela prática do Futebol e se desenrola para o processo de aceitação da sociedade a respeito da continuidade da prática desse esporte. Nesse ponto, as participantes do grupo focal apontaram que tiveram que enfrentar uma série de resistências, inclusive por parte dos familiares, mostrando então que, no que chamamos de “intervalo de jogo”, a marcação realmente apresenta-se como sendo rigorosa, implacável, conforme ilustrado nas seguintes narrativas:

[...] geral falava muito que, por jogar bola era menina macho, “ah, quer se tornar um homem”. Então, eu deixei de lado todo preconceito, apesar que, até dentro da minha própria casa tinha gente que falava que, “ah, vai jogar

bola, vai virar homem”, “vai começar a andar que nem macho agora” (Cristiane).

[...] eu fico nervosa...quando comecei a jogar torneios assim, a gente ouvia nas arquibancadas, o pessoal chamando de mulher-macho, “essa daí é homem”, num sei que. Aí comecei a me questionar, será se isso é realmente para mulher? Será que? Porque todo mundo falava assim, e eu ouvia isso também da minha família, tipo, falava assim “isso é coisa para homem”, “tu vai virar homem”, “daqui uns dias, tu vai ser homem”, “isso é errado”, então assim, eu comecei assim, me podar em relação ao futebol (Sissi).

Baseando-se então nestas respostas, é inerente que houve uma marcação dura para início de jogada das garotas, elencando-se então, preconceito de gênero e estereótipos, como relata Jardim e Betti (2021) em sua pesquisa, quando a mulher adentra um gramado de futebol, existe puro preconceito, e ele vem de brinde com a bola.

De todo modo, observa-se então que este campo ainda está sendo semeado, e que, fora das quatro linhas, é necessário aprender a lidar com um conjunto de “contusões” inerentes aos preconceitos (sociais, culturais e especificamente de gênero). E quando esse tema emergiu na interação, ficou evidente que, de alguma forma, isso acaba afetando sensivelmente as jogadoras, em especial, a jogadora Formiga. Afinal, observamos que a sua expressão corporal mudou, ficando um pouco apreensiva para citar falas preconceituosas que ela já tinha ouvido apenas pelo fato de praticar a modalidade. Tal percepção acabou sendo confirmada através do seguinte relato:

Já me chamaram... já... por quê. Ah! eu não quero falar (risos) (Formiga).

Somente depois da jogadora Cristiane responder “sapatão” e todas sorriram da situação, é que a tensão corporal das participantes foi diminuída e com o estabelecimento de um clima mais lúdico, algumas delas (incluindo a própria Formiga) se sentiram mais à vontade para resgatar algumas experiências, nas quais elas tiveram que lidar com a deplorável face do preconceito.

Vou falar um fato que aconteceu, na copa beira rio, (um ano atrás). Nós estávamos jogando lá, e tinha um cara lá fora que, falou assim “nesse time aí não escapa uma, tudo sapatão”. Isso nos deixa triste né?! É triste porque, não tinha só sapatão, tinha héteros, tinha jogadora que tinha filho e tudo mais. Isso acontece demais, demais, demais, essa questão do povo está falando lá de fora, tudo mais. Nossa! (Marta)

A partir do momento que, você joga bola, que você usa uma roupa diferente, que não seja cropped, que não seja um shortinho, um vestidinho, e você já usa uma blusa mais larga, um shortzinho mais despojado, porque quando você quer jogar bola, você muda um pouco seu estilo, quando você

vai. Você não vai para um torneio de vestido, daí você já recebe crítica, chamando de sapatão, porque lésbica, é um nomezinho bonito né?! É sapatão, é tamanco, caminhoneiro, pé grande e assim vai, a lista é grande. (Formiga)

Mediante ao apresentado, é possível notar que, ainda hoje a mulher que escolhe por uma chuteira no pé sofre com preconceito, sobretudo, apontando para homossexualidade. Estudos apontam para existência de discriminação por grande parte da população com relação a mulher futebolística, batendo sempre na tecla de preconceitos sexistas, independente do que ela seja (ALMEIDA *et al.*, 2015; JARDIM e BETII, 2021; OLIVEIRA, 2014; SALVINI E JUNIOR, 2016). Isto posto, no caso do presente estudo, se faz necessário elencar a seguinte fala de uma das participantes:

Não é porque você joga, que você pratica um esporte que você é homossexual, é gay, é lésbica e afins, isso não existe. Tem aí prova de várias jogadoras que, são casadas e tem filhos e são héteros, como também tem várias jogadoras que também são casadas, tem filhos e são lésbicas, acho que isso não tem nada a ver, acho que isso vem da pessoa em si, e é fora esporte, é fora qualquer outro tipo de coisa (Cristiane).

O relato da participante é imprescindível, pois apesar de estarmos em pleno século XXI, ainda assim, existe a associação da imagem da mulher que joga futebol com o estereótipo pejorativo de “sapatão”. Alguns autores mostram que no Brasil por muito tempo existiu por parte da mídia brasileira como também da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) a normatização de gênero, tentando sexualizar a mulher que jogava futebol para atrair os telespectadores, pois, quando não agradava o olhar masculino com a beleza, o “show” não acontecia e imediatamente havia discriminação (SOUZA *et al.*, 2017; SALVINI; JUNIOR, 2016). Assegurando-se então, na declaração da participante que é atual, e nas pesquisas citadas que são baseadas em momentos passados, ainda é transparente que diante de parcelas da sociedade o que deve entrar em campo, não é talento, é a sexualização feminina, e quando não, recebem rótulos sexista.

No entanto, trazendo então para atualidade, é perceptivo que, o futebol feminino tem tido uma movimentação maior no Brasil, e que de acordo com as jogadoras é possível sim ver uma diferença comparando a tempos passados. Todavia, ainda há muito que ser feito, começando do micro, assim como foi relato pelas atletas.

Eu acho que, apesar de muita coisa ter melhorado, muita coisa assim, de 100% talvez, uns 30% talvez. Mas a gente tira daqui nosso time, nosso time é um time de mulheres da cidade, mas a partir do momento que, você pede apoio das pessoas da sua cidade, você não tem. Agora a gente compara, a gente nunca quer se comparar, mas a gente acaba comparando,

porque se um time masculino está precisando de ajuda financeira, basta um, pessoa banca o time (Cristiane).

Melhorou? Um pouco, não bastante, longe de onde deveria né?! Acredito. Mas ainda tem muita coisa para melhorar, e é o seguinte, a gente não pode se calar, não pode. Eu sempre bato de frente com o secretário de esporte, com os patrocinadores, porque realmente, ainda é uma humilhação grande para pedir patrocínio, uma humilhação grande mesmo pra conseguir pra gente ir pra torneio. E o pior é que quando a gente consegue, somos nós que somos campeãs (Marta).

No adentrar destas linhas, corroboram diretamente para o desenvolvimento do futebol feminino, onde é possível observar que, há o reconhecimento de melhoras nesse espaço, no entanto, é chamado a responsabilidade de políticas públicas para um apoio direto. Pois ainda é elástico o espaço do masculino para o feminino, e ao desenrolar do grupo focal, foi possível ver que existe ausência de fatos colaboradores para apresentar um melhor futebol, e que por vezes existe um menosprezo, tendo então, a infelicidade de querer cobrar uma desenvoltura da mulher tanto quanto dos homens.

Moraes (2014) mostra fatores que acompanharam a história do futebol feminino no Brasil, com destaque para a violência econômica (relacionando-se sensivelmente com a falta de investimentos, incentivos e patrocinadores) e para a violência moral (calcada na exigência de resultados favoráveis do time feminino, mesmo sendo presente dificuldades estruturais). Ora, no caso da presente pesquisa é perfeitamente possível notar tais violências se manifestando nos relatos das participantes:

Essa questão de diferença de gênero, você vai trazer para o esporte é uma coisa nítida [...] eles sempre acabam recebendo mais vantagens do que nós. Inclusive nos torneios, a premiação é absurda para os meninos, e para as meninas é uma coisa mais simbólica. Essa última foi uma coisa até mais razoável, se for comparado com os anos anteriores, é uma coisa assim, a diferença, e vamos ter uma premiação para os meninos de 3.000 reais e para as meninas você tinha 1200, 1000 (Sissi).

Véi, é assim ôh, não tem como eles quererem comparar o masculino e o feminino aqui dentro da cidade, em relação a tudo, em relação a apoio, em relação a treinos, e afins. Por que começa assim, quadra, tem 10 quadras na cidade, mas se a gente precisa de uma, nós temos que estar nos humilhando para estar jogando naquela quadra. Às vezes a gente joga 22h da noite, porque os lindos, não querem ceder a quadra. É!!!! Às vezes tem que chamar a polícia pra poder a quadra ser liberada para as meninas jogarem, e aí nesse exato dia, ele falou “é por isso que, eu não gosto de jogo de mulher, eu não gosto de ver mulher jogando” (Cristiane).

Com efeito, ao ouvir as falas das jogadoras era explícito a indignação, pois apesar de ter uma agitação maior no futebol feminino profissional, ainda é perceptivo que, no

amadorismo o futebol feminino tem engatinhado, lutando com garras e dentes para obter seu espaço. A situação ainda é delicada quando se analisa marcadores sociais mais de perto, se tornando preocupante o fato de uma cidade que é reconhecida como umas das grandes influenciadoras do esporte no bico do papagaio do Tocantins, não ter políticas públicas que amparem o verdadeiro espaço da mulher no desporto. “É inegável que o futebol praticado por mulheres no Brasil está inserido em um sistema esportivo marcado por descontinuidades, bem como por questões políticas e sociais” (PISANI, p. 53, 2018).

Nesse sentido, é relevante ressaltar que um espectro de impedimentos (incluindo questões sociais, políticas e econômicas) concorrem com a difusão da prática do futebol feminino, com igualdade de direitos e valorização social, reverberando em uma questionável representatividade das mulheres no cenário nacional, no suposto “país do futebol”. Destaca-se que tal conjuntura contrasta com a realidade de países como os Estados Unidos e o Canadá (MOURA, 2005), denotando que no “intervalo de jogo” do futebol feminino no Brasil, a marcação tem sido realmente dura, acirrada, implacável.

4.3. Apito final: placar desfavorável, resiliência admirável

Ao nos aproximar da etapa final dessa partida alegórica do futebol feminino no Brasil, nos deparamos com um conjunto de resistências e de novos caminhos a serem trilhados, embora ainda se observe uma situação desigual. No entender das participantes do grupo focal, tal desigualdade é latente e perpassa, dentre outras coisas, pela própria anuência daqueles que trabalham com o esporte público, assim como é possível perceber nos excertos abaixo:

Quando a gente chega lá [secretaria de esporte] pra conversar, já é recebido na patada [...], já é um olhar torto, já é um barulhinho aqui, outro ali, isso por causa das cobranças que a gente tem (Cristiane).

[...] já conversei com o prefeito, é tão tanto que, a secretaria de esporte só tem homens lá, como é que vão saber a necessidade feminina se não tem uma mulher para nos representar lá dentro? Mas não tem, véi! E isso me deixa muito triste, já conversei demais com ele, e vou bater de frente de novo, tem que ter uma mulher lá dentro (Marta).

Com base nos relatos acima, percebe-se que o desejável protagonismo da mulher no futebol implica sobremaneira em uma atitude de superação. No entender de Corrêa, Silva e Masullo (2015), as mulheres decididas a começar e a continuar jogando futebol precisam

estar preparadas para enfrentar as inúmeras barreiras proporcionadas pelo preconceito de gênero. Corroborando com tais dados, o estudo de Borges *et al.*, (2006), identificou que as atletas participantes demonstram capacidade de superação de obstáculos para continuar no futebol. Em conformidade, com base nos relatos das participantes da presente pesquisa, pode-se inferir que o sentimento delas também pode apresentar-se como resistência, ou ainda, como resiliência, tal como pode-se verificar nos relatos a seguir:

A partir do momento que você põe na sua cabeça que sua orientação não vai interferir se você jogar bola, se você quiser, você vai jogar bola, gostando e você vai gostar mesmo sem você jogar bola, aí você põe na sua cabeça: “não, eu devo fazer isso e não vou ligar”. Então sempre foi muito de boa, gostei, é uma terapia, né? (Formiga).

Eu não fico assim desmotivada não, porque as vezes nem ligo tanto (para o preconceito), mas acho que as pessoas poderiam parar de falar essas coisas, focar no que a gente está jogando ali, tá mostrando nosso melhor dentro de quadra, e não o que somos. [...] minha vontade de jogar é maior, de ser campeã e tudo mais, então não me desmotivou não (Marta).

[...] me entristeceu bastante, me entristeceu, mas não me desmotivou. Me dá mais motivo ainda para estar lá, para estar brigando, para estar ganhando, porque meu time ganha e o dele [antigo patrocinador] não ganha, para mostrar que meu time ganha, para mostrar que eu tenho troféus de vencedora de primeiro lugar e ele não tem (Cristiane).

Outro ponto que chamou a atenção na interação do grupo focal diz respeito a relação da religião com a prática esportiva, a qual foi citada em diferentes momentos como forma de desmotivação, isto é, por causa da suposta masculinização da mulher. Sendo assim, foi possível refletir que o meio em que elas vivem de alguma maneira as influenciam, visto que está emoldurado por valores tradicionais, amparando-se por princípios religiosos que, muitas vezes, fomentam o preconceito de gênero, conforme sintetizado pelo seguinte relato:

O que resume o meio é o preconceito, nós temos uma cidade com um pouco mais de 20 mil habitantes, é uma cidade pequena, uma cidade cheia de tradições, principalmente religiosa. Se você pegar a religião, ela em si, ela já não ver isso com os bons olhos, porque o futebol, o futebol está masculinizando a mulher, sendo eles [representantes religiosos] né? (Sissi).

Ora, no caso específico das atletas do presente estudo, pode-se articular que a crença religiosa pode ser concorrente da prática esportiva, podendo, destarte, afetar a continuidade da mulher no esporte exigindo-lhes dispor de muita garra e força de vontade para continuar jogando. Assim sendo, é fundamental falar da resiliência, isto é, a possibilidade de resistir as normas e padrões impostos, de aproveitar as situações difíceis como uma forma para crescer pessoal e socialmente (BORGES *et al.*, 2006).

Portanto, em face do exposto, é preciso ter presente que a mulher ainda busca espaço para se firmar como atleta, transitando vias enigmáticas, pois, quando se fala sobre o futebol feminino no Brasil, grande parte das histórias são atravessadas por preconceitos e dificuldades (FERREIRA *et al.*, 2021). Nesse sentido, por intermédio de olhares sociais e/ou religiosos, aparenta-se que a mulher está indo de encontro ao seu princípio biológico, isto é, como se estivesse falhando como mulher, denotando, desta maneira, um pensamento anacrônico. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

No desenrolar da interação no grupo focal, emergiu-se um outro ponto de discussão que merece destaque na presente pesquisa, pois o mesmo parecia causar um sentimento de indignação nas participantes. Trata-se de assuntos relacionados, sobretudo, às políticas públicas. A este respeito, as jogadoras apresentaram um conjunto de sugestões que, no entender delas, poderiam ajudar a desenvolver melhor as experiências corporais femininas, neste caso na prática do futebol/futsal. Autores como Follmann *et al.*, (2020), ressaltam que a promoção das experiências corporais da mulher com o esporte não deve ser apenas uma responsabilidade do professor de Educação Física no contexto escolar, mas, do poder público em geral e da secretaria de esporte, em particular, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

Já falei isso pra o prefeito, que a gente teve uma reunião com ele, e tipo a fulana é formada em Educação Física, podia tá lá né?! Lá (secretaria de esporte) tem 11 homens, não tem uma mulher para nos representar, pra saber da nossa voz, isso que é complicado (Marta).

Eles [representantes do poder público municipal] poderiam apoiar fazendo projetos, escolinha de futebol feminino, eles poderiam ceder materiais esportivos, eles poderiam ceder uma das dez quadras só para o feminino separado dos meninos. Porque toda vez que te menina tem confusão, toda vez que tem menina tem um falatório, porque não vou nem chamar de homem, porque para mim não é homem, sempre tem assédio (Cristiane).

Você pega uma cidade que tem uma sede, nós temos um complexo que é a sede, ela tem o campo principal, que é o João Ribeiro, e tem os campos auxiliares de fora, tem estrutura para piscina, tem campo *society*, tem uma quadra que está desativada a anos, você tem um espaço que dá para você fazer uma seleção [feminina], treinar mesmo, time mesmo da cidade, tem um time masculino. Lá tem um alojamento, então por que não tem um time feminino? por que não incentiva o futebol feminino? (Sissi).

Sobretudo, é relevante relatar que, apesar de terem um placar desfavorável para a sua permanência no desporto, existe uma chama que parece aquecer os seus corações, podendo as comparar com uma “fênix”, aquelas que renascem das cinzas. Pois, apesar de toda carga que elas receberam e recebem, não foi o fim. Ao contrário, elas demonstram que fizeram de

cada fala desmotivadora e preconceituosa, de cada porta fechada, um trampolim para continuar apaixonando-se pelo referido esporte, tal como observa-se nos seguintes fragmentos:

[...] rapaz, a “fomiagem” era tão grande, assim, o amor pelo esporte, porque é de sangue mesmo, e é tão grande, que eu não ligava, eu não ligava pro que os outros falavam, eu não me importava [...] é um esporte que a gente não só joga, é por amor. Amor assim pra acabar é só se tiver nas últimas mesmo. Então, se depender de mim, até onde der eu vou tá jogando, com fé em Deus (Marta).

[...] em questão de parar, parar, acho que não porque eu acho que quem gosta realmente não para não [...] na verdade é uma terapia, pois a partir do momento que você está triste, você “ah, hoje tem treino!”, aí a gente vai, espairose a mente, e fica mais tranquila (Formiga).

Com efeito, ser praticante de um esporte que historicamente é masculinizado, e que diante de lentes atuais ainda é rotulado como um poleiro de homossexualidade e, ainda assim, decidir permanecer jogando, adotando essa prática como uma parte constituinte do seu estilo de vida e/ou como meio para fugir da realidade, parece-nos algo significativo, justificando não apenas a reivindicação das participantes da pesquisa por melhorias no acesso e promoção da referida modalidade esportiva, como no desejo de envolver-se profissionalmente com ela, tal como ilustrado nas seguintes falas:

[...] eu quero ter um projeto na minha Universidade que envolva tanto a comunidade, que traz pra escola no futsal, principalmente no feminino, traga para dentro da faculdade. Mas se daqui 5 anos eu estiver dentro de uma sala de aula eu quero ser uma incentivadora do esporte, eu quero principalmente no futebol ou futsal feminino, que é a minha base, é a minha referência (Sissi).

[...] eu acho interessante uma coisa que, mesmo que a gente não esteja dentro da sala de aula a gente pode juntar e fazer projetos (Cristiane).

Ante ao exposto, é transparente a preocupação que as atletas têm de querer dar um trato pedagógico para o esporte, corroborando com os dados encontrados por Follmann *et al.*, (2020), cujas participantes (três mulheres que jogam futsal regularmente), apontaram que a escola deveria representar o primeiro espaço público destinado para enriquecer as experiências corporais e esportivas de todos e todas, indistintamente, intentando promover transformações no cenário marcado por uma histórica desigualdade de gênero.

Não obstante, observe-se, ainda, que o desejo das participantes do grupo focal transcende as instituições educacionais, registrando então que, as experiências corporais são indispensáveis, e que além do meio escolar ou mesmo acadêmico, projetos esportivos fora

destes espaços, para iniciação, ou continuidade da prática do futebol feminino é valoroso e enriquecedor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou como temática central a inserção feminina no futebol, tendo em vista que há grande representatividade para o Brasil, considerado popularmente como o país do futebol. Entretanto, se analisarmos a história desse esporte no Brasil poder-se-ia dizer que o Brasil é o “país do futebol masculino”.

Com efeito, os resultados apontaram que o processo de iniciação das meninas no futebol não é resultante de projetos proposto por responsáveis do poder público, nem mesmo no chão escolar, pelos professores de Educação Física, mas, nos espaços das ruas, cuja prática é construída por uma hegemonia masculina.

De forma sintomática, verificamos que o prosseguimento das atletas neste esporte é atravessado por um espectro de objeções que, ora se tornam desmotivadores, ora se tornam uma motivação extra, convidando (exigindo?) as atletas adotarem uma postura de resiliência para não esmorecer frente ao conjunto de resistências impostas por parte dos membros dos seus próprios lares, da sua igreja, da escola e demais instituições sociais.

Os resultados indicam, ainda, que, apesar do futebol feminino estar ganhando novas adeptas, o desporto amador ainda tem muito a avançar, não apenas no que tange a realização de campeonatos destinados para elas, incluindo as devidas premiações, mas também ser verdadeiramente abraçado, recebendo a assistência que é destinada para o público masculino, tal como, ter escolinhas para outras meninas serem incentivadas, ter um espaço e horário reservado nas quadras públicas, além de aulas de Educação Física que sejam mais democráticas, isto é, que valorizem a participação das meninas nas diferentes práticas corporais, em especial, na prática do futebol, favorecendo o acréscimo da bagagem de experiências corporais que as mulheres carregam consigo. Além do mais, pode-se trabalhar com estes dados em sala de aula como temática transversal, tal como, questão de gênero no esporte/futebol.

Portanto, com base na interação do grupo focal, foi possível notar que apesar da diminuição do preconceito no esporte, ainda assim, as participantes precisam lidar, rotineiramente, com falta de respeito, sendo predominante a rotulação de “sapatão”, por vezes sendo deixado de lado a habilidade da bola no pé, faltando então os devidos e merecidos incentivos. Aponta-se também que a família assume um papel importante para encorajar ou desencorajá-las a aderirem a prática do futebol, pois a bola rolando para as

mulheres, é como jogar em um campo minado, qualquer hora pode cair, precisando-se então de pessoas do seu convívio para lhe incentivar na caminhada.

Em contas finais, é preciso ter presente que o estudo possui lacunas em relação ao quantitativo de mulheres que praticam futebol para melhor representação do contexto tocantinopolino. Ademais, fica como sugestão tal consideração para futuros estudos, inclusive, com o olhar voltado para as especificidades da instituição escolar, isto é, de como é feita a abordagem do profissional de Educação Física para o público feminino com esse desporto.

Por fim, espera-se que a presente pesquisa possa colaborar com os estudos que são desenvolvidos na área da Educação Física sobre futebol feminino, trazendo dados para refletirmos sobre a realidade de mulheres no “país do futebol”, visando, em última instância, trazer pistas para (re)pensarmos em melhorias para elas que ainda lutam para estar em um espaço no qual realmente desejam estar. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jacqueline Vieira et al. Análise da percepção de jogadores de futebol amador sobre mulheres que praticam o futebol. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 3, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORGES, Carlos Nazareno Ferreira et al. Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 12, n. 1, p. 105-131, 2006.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Magister, 1997.
- CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz. Futebol, mulheres e interação social. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 20, n. 4, p. 1-21, 2017.
- CORRÊA, Lionela da Silva.; SILVA, Nívea Regina Sales da.; MASULLO, Romulo Vasconcelos. Futsal: a questão do gênero feminino na modalidade esportiva praticada em uma escola do ensino médio de Manaus-AM. **Revista acta brasileira do movimento humano**, v.5, n.3, p.1 – 9, jul./set. 2015
- DAMO, A. S. A rua e o futebol. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 51-70.
- FERREIRA, José Ricardo Lopes *et al.* Perspectivas sobre as mulheres no campo do futebol/futsal feminino: o que as pesquisas nos periódicos nacionais evidenciam. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-14, 2021.
- FERRETTI, Marco Antonio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento (Porto Alegre)**, p. 57-80, 2007
- FOLLMANN, Andressa Perkovski; SCHWEGBER, Maria Simone Vione; DE MOURA BRACHTVOGEL, Caterine. As experiências corporais de mulheres que jogam futsal: família, grupo de pares, escolinhas esportivas, educação física escolar. **Revista Pensar a Prática| ISSN**, v. 1980, p. 6183, 2020.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, p. 315-328, 2005.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 12, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

JARDIM, Juliana Gomes; BETTI, Mauro. “Puro preconceito! Vem de brinde com a bola!”: o tabu da (homo) sexualidade em uma equipe de futsal feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 2, p. 249-262, 2021.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola: Futebol feminino na Bahia anos 80-90**. 1º edição. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2014.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. IN: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MOURA, Giovanna Xavier et al. **Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR**. *Motrivivência*, v. 29, n. 50, p. 17-30, 2017.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **(Des) construindo identidades: ambiguidades, estereótipos e luta política nas relações mulher-futebol**. 2012.

OLIVEIRA, Valleria Araujo de. **Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol**. 2014.

PISANI, Mariane da Silva. **Sou feita de sol, chuva e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

ROQUE, Lorena. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil**. 2020.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadores a protagonistas: a conquista do esportivo pelas mulheres, **Revista Movimento**, Porto Alegre, v5, n11, p. 50-55.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, p. 303-311, 2016.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Registros do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

SARDINHA, E. M. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus**, v. 5, n. 1, 2011.

SILVEIRA, Crisneive Pereira da. **O jogo além da bola-histórias de mulheres no futebol cearense**. 2020.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, 2018.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira et al. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 883-894, 2017.

WEINGÄRTNER, Pâmela. Visibilidade do futebol feminino. **Jornalismo-Pedra Branca**, 2019.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT

Convidamos a Sra. a participar da Pesquisa FUTEBOL É COISA DE QUEM QUISER? UMA ANÁLISE DA INSERÇÃO FEMININA NA PRÁTICA ESPORTIVA, sob a responsabilidade da pesquisadora, Juliana Bezerra de Sousa, a qual pretende identificar como o público feminino se interessa pela prática de um esporte historicamente masculinizado, sob orientação do Prof. DR. Adriano Lopes de Souza.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma roda de conversa em pequenos grupos (grupos focais), este consiste em colher informações a respeito de como se deu a adesão das mulheres ao futebol. Seu nome assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Quanto aos riscos e desconfortos, existe uma mínima possibilidade desta pesquisa causar-lhe algum constrangimento ou desconforto pessoal. Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique a pesquisadora para que sejam tomadas as devidas providencias como suspensão parcial ou total das perguntas. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Se você aceitar participar, contribuirá para maiores conhecimentos sobre quais são as causas que levam mulheres a se interessar pela prática do futebol, prática esta que por muito tempo o gênero feminino não pôde ter acesso, pois era considerado desmoralizador para o corpo feminino.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se depois de consentir em sua participação a senhora desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A sra. não terá nenhuma despesa, e não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, a senhora poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no seguinte endereço: Rua Bahia; N° 57/ Bairro Brejinho| 65980-000 | Carolina/MA, ou pelo telefone (63)991190863. Em caso de dúvidas ou desavença com o pesquisador o(a) Sr (a) pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP-UFT: Quadra 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte, Campus Universitário de Palmas, Prédio

do Almojarifado, CEP: 77.001- 090 em Palmas TO), telefone 63 3232-8023, de segunda a sexta-feira no horário comercial (exceto feriados).

Eu, _____, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à participação na pesquisa devem ser comunicadas por escrito à Secretaria do CEP/UFT, desde que os reclamantes se identifiquem, sendo que o seu nome será mantido em anonimato.

Data: ___/ ___/ ____

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE II

Roteiro de temáticas do grupo focal

- 1) Falem um pouco sobre como e onde vocês começaram a jogar futebol (Espaço - na rua/escola/quintal de casa.).
- 2) Comentem sobre as influências/inspirações que vocês tiveram para praticar futebol (Pessoas – jogadoras famosas, familiares, amigos, vizinhos, professores, etc.)
- 3) As aulas de Educação Física na escola tiveram influenciaram em algo? Se sim, foi positivamente ou negativamente? (Contexto escolar)
- 4) Qual foi/ e é o posicionamento dos familiares, amigos e colegas de vocês sobre vocês jogarem. Eles aceitaram normalmente? (Contexto familiar: relação de apoio ou preconceito).
- 5) Como foi a aceitação de vocês mesmos quando viram que já estavam gostando de praticar essa modalidade? (sentimento pessoal)
- 6) O esporte feminino aparentemente vem crescendo no Brasil e em diferentes cantos do mundo, de modo que muitos acreditam que o preconceito de gênero neste esporte já não existe mais. Como vocês se sentem em relação a isto? (sentimento pessoal)
- 7) Vocês já sofreram/sofrem algum tipo de preconceito por jogar futebol? Vocês podem mencionar os comentários que as marcaram mais profundamente? Como se sentiram em relação a eles? Pensaram em parar de praticar a modalidade? O que as fez não desistir? (sentimento pessoal)
- 8) Na opinião de vocês, como a comunidade tocantinopolina e o governo da cidade (secretaria de esporte e prefeitura) lidam com o futebol feminino? (Relação da comunidade e do poder público com a prática – apoio?)
- 9) É perceptivo para vocês o crescimento de números de meninas que querem jogar futebol na cidade? Se sim, o que vocês acham que pode estar influenciando nesse movimento. Se não, o que tem faltado para atrair mais meninas para esse desporto.
- 10) Como vocês se veem daqui há 5 anos em relação a prática do futebol feminino? Pretendem alçar voos maiores? (Perspectivas futuras).